

Como elaborar um trabalho colaborativo e sistemático de combate à desinformação?

How can we develop collaborative and systematic work to combat disinformation?

Rodrigo Kenji Kuroki Ciampi

[ORCID: 0009-0002-3326-0645](https://orcid.org/0009-0002-3326-0645)

Ana de Medeiros Arnt

[ORCID: 0000-0003-1270-5422](https://orcid.org/0000-0003-1270-5422)

Sarah Schimidt

[ORCID: 0000-0003-4210-939X](https://orcid.org/0000-0003-4210-939X)

Adriana Lippi

[ORCID: 0000-0002-0992-060X](https://orcid.org/0000-0002-0992-060X)

Ana Beatriz Rocha Câmara

[ORCID: 0009-0006-2027-3489](https://orcid.org/0009-0006-2027-3489)

Ana Luisa Abrantes Simões

[ORCID: 0000-0001-9658-145X](https://orcid.org/0000-0001-9658-145X)

Brenda dos Santos Teixeira

[ORCID: 0009-0001-2340-3078](https://orcid.org/0009-0001-2340-3078)

Bruno Guilherme Dos Santos Diniz

[ORCID: 0009-0005-6818-0591](https://orcid.org/0009-0005-6818-0591)

Carolina Pires Araújo

[ORCID: 0009-0001-4986-623](https://orcid.org/0009-0001-4986-623)

João Vitor Venceslau de Almeida

[ORCID: 0009-0007-0215-3755](https://orcid.org/0009-0007-0215-3755)

Juliana Rodriguez Camacho

[ORCID: 0009-0005-9540-8889](https://orcid.org/0009-0005-9540-8889)

Juliana Krapp

[ORCID: 0009-0006-4959-1667](https://orcid.org/0009-0006-4959-1667)

Marilyn Anderson Alves Bonfim

[ORCID: 0000-0001-5634-1689](https://orcid.org/0000-0001-5634-1689)

Marina Ramalho e Silva

[ORCID: 0000-0002-2162-6673](https://orcid.org/0000-0002-2162-6673)

Resumo

O Grupo de Trabalho 1, no 2º Encontro Brasileiro de Divulgadores de Ciência em 2023, discutiu estratégias para combater a desinformação e criar redes de confiança. Foram abordados tópicos como o financiamento de grupos de desinformação, como os afetos impulsionam o compartilhamento de conteúdos falsos, a necessidade de construir manuais e estratégias de comunicação, a importância da formação relacional e da comunicação não violenta, e a busca por divulgação científica que abranja a diversidade racial, étnica, de gênero e classe. O grupo concluiu que o combate à desinformação envolve um processo de construção coletiva, estabelecendo redes de confiança presenciais e espaços não hierárquicos de construção do saber.

Palavras-chave: Combate à Desinformação. Profissionalização de Divulgadores de Ciência. Colaboração e Coletividade na Divulgação Científica.

Abstract

Working Group 1 at the 2nd Encontro Brasileiro de Divulgadores de Ciência (2023) discussed strategies to combat disinformation and create networks of trust. Topics such as the financing of disinformation groups, how affections drive the sharing of false content, the need to build communication manuals and strategies, the importance of relational training and non-violent communication, and science communication that encompasses racial, ethnic, gender and class diversity were addressed. The group concluded that combating disinformation involves a process of collective construction, establishing face-to-face trust networks and non-hierarchical spaces for building knowledge.

Keywords: Combating Disinformation. Professionalization of science communicators. Collaboration and Collectivity in Science Communication.

1. Introdução

Os Grupos de Trabalho (GTs)¹ do II Encontro Brasileiro de Divulgadores de Ciência foram organizados em 3 encontros, durante 2 dias. O terceiro dia destinou-se à apresentação do resumo dos resultados do GT, acordados entre seus membros. Este resultado apresentado pode ser conferido no [canal do Instituto Principia, no Youtube](#).

O primeiro dia foi destinado a uma apresentação com embasamento teórico e analítico, a partir dos moderadores, finalizando a exposição com uma rodada de ideias e questões sobre o que foi exposto. No segundo encontro, uma síntese das ideias do primeiro momento foi estruturada para que fosse aprofundado o debate, em um formato de roda de conversa, em que todos os participantes dialogassem, complementassem as ideias uns dos outros e apontassem pontos consensuais do debate em grupo. No terceiro encontro, a síntese das ideias foi apresentada novamente, buscando a estruturar uma linearidade expositiva e argumentativa sobre o tema principal do GT.

É a partir deste conjunto de ideias, debates, análises em conjunto, que este relato a seguir foi elaborado, em uma escrita coletiva, com diversas vozes, buscando caminhos de aprendizado conjunto, colaborativo para compreendermos melhor debates contemporâneos sobre desinformação.

2. Informação e Desinformação nas redes

O GT¹ teve como tema a desinformação, com a pergunta norteadora: “Como elaborar um trabalho colaborativo e sistemático de combate à desinformação?” A partir desta pergunta, foi construída uma ementa que buscou provocar o início do debate:

A internet teve seu início sendo considerada como um futuro espaço democrático e de construção do conhecimento em escala global. Hoje, ela passa por um dos seus momentos mais difíceis. Com o avanço da extrema-direita e o domínio dos algoritmos nas redes sociais, conter a desinformação é um grande desafio para os comunicadores de ciência. Este GT irá discutir os mecanismos que facilitam a dispersão de desinformação na internet e como combater este avanço. (EBDC, 2023)

No primeiro encontro do GT, buscamos abordar o fenômeno da sociedade de informação, como o contexto em que vivemos, uma imersão cotidiana e que, por vezes, confunde no que tange ao que é informar, aprender e conhecer. Assim, tal como nos diz Larrosa (2002, p.22), distinguimos estes termos:

Seguramente todos já ouvimos que vivemos numa “sociedade de informação”. E já nos demos conta de que esta estranha expressão funciona às vezes como sinônima de “sociedade do conhecimento” ou até mesmo de “sociedade de aprendizagem”. Não deixa de ser curiosa a troca, a intercambialidade entre os termos “informação”, “conhecimento” e “aprendizagem”.

Como se o conhecimento se desse sob a forma de informação, e como se aprender não fosse outra coisa que não adquirir e processar informação (Larrosa, 2002, p.22)

Não é incomum, quando falamos sobre desinformação, a compreensão de que, ao tomar conhecimento da informação correta, estaríamos aptos a desmontar uma informação falsa e/ou falaciosa. Além disso, outro trabalho comum à divulgação científica e ao jornalismo é a checagem de fatos, que busca desmentir desinformação, tanto quanto ensinar ao público sobre como chegar na informação correta.

Todavia, para combater alegações falsas ou desinformação, não basta construirmos esse conjunto de informações verificáveis, dentro de um raciocínio lógico e apresentar em nossos canais ou perfis de divulgação científica.

Ao longo deste relato, vamos apresentar alguns elementos das nossas trajetórias como divulgadores científicos, que podem não representar grandes achados ou ideias inéditas. Porém, mostram como fomos construindo nossa compreensão acerca do tema, em especial como buscamos soluções teóricas e práticas, como projetos de divulgação científica (DC) individuais e/ou coletivos. Muito embora a desinformação não seja um fenômeno recente e que se restrinja às redes sociais, é sob este aspecto que falaremos, tendo em vista a atuação na divulgação científica deste GT.

Embora o conceito varie segundo diferentes autores, a desinformação pode ser definida de forma geral como um conjunto de informações deliberadamente organizadas e espalhadas com a finalidade de causar dano e confusão a um grupo de pessoas em uma determinada sociedade (Lazer et al., 2018). Neste sentido, não vamos falar exatamente de informações falsas isoladas, mas da desinformação como um processo estratégico de produção e divulgação de informações. Esse processo é pensado para que indivíduos ou grupos de pessoas compartilhem e espalhem o conteúdo sem que, necessariamente, percebam que estão fazendo parte desta estratégia. Ou seja, faz parte da dinâmica da desinformação que pessoas acreditem na informação e a compartilhem como se fossem verdadeiras.

Assim, cabe ressaltar que a desinformação, conforme notícias e pesquisas públicas indicam, não é um acontecimento orgânico nas redes sociais (Braun; Eklund, 2019; Córdova, 2019; G1, 2020; Girardi et al., 2023; Maciel Anjos, 2021; Pires, 2020). Ou seja, a desinformação possui intencionalidade de causar prejuízo e, também, se nutre da expectativa (e planejamento) de engajamento a partir de usuários das redes sociais.

Ainda neste primeiro encontro, após esta exposição, refletimos sobre as ramificações e as relações que a desinformação tece em nossa sociedade, abordando seus conteúdos vinculados a redes de afetos com mobilização de sentimentos como ódio, medo, tristeza, desesperança,

encantamento, amor, pertencimento. Segundo Silva (2023, p.27), “A mobilização dos afetos, pela imposição do medo coletivo e do pânico moral, incide de forma objetiva na colonização de grande parte da consciência coletiva e em grande parte da opinião pública”. O autor ainda afirma que este tem sido um caminho trilhado por conservadores vinculados a políticas neoliberais. A mobilização de afetos, neste sentido, é o foco de comunicações falsas, a fim de incutir e negociar valores morais e sociais, especialmente dentro de compartilhamentos de redes sociais.

3. De inquietações e buscas por caminhos

Após esta exposição, inquietações e propostas coletivas foram compartilhadas e debatidas, em especial sobre as necessidades de estratégias específicas para combater a desinformação em suas mais diversas formas. Algumas sugestões foram levantadas: a construção de manuais e estratégias para criação de conteúdos que possam atrair e combater as informações falsas; a organização de coletivos de divulgadores científicos para que se apoiem e se fortaleçam; a conformação de espaços de interação off-line; a formação em comunicação não violenta; o fortalecimento de uma divulgação científica que abarque as diversidades social, política, étnica, de gênero e religiosa e sistemas de crenças; e a prática da comunicação considerando sempre seu público-alvo.

Nenhuma das sugestões e falas foram realizadas no sentido de uma solução final para a desinformação, mas como parte de uma construção coletiva para a busca de saídas dentro do cenário que temos atualmente. Neste sentido, apontamos para a necessidade de pensarmos a divulgação científica para além de “montar perfis em redes sociais”, sobretudo isoladamente.

Consideramos divulgação científica um compromisso que não se estabelece individualmente, tampouco desvinculado das relações sociais, políticas e econômicas de nosso país. Dessa forma, como divulgadores e divulgadoras, precisamos nos atentar às alianças com outros colegas, estruturando em nossos projetos os seguintes aspectos: com quem queremos falar, de quais pressupostos partimos, o que é inegociável (em termos teóricos e de princípios éticos) e por quem estamos buscando dentro destes parâmetros. Tais parâmetros nos possibilita delimitar com que perfil de divulgadores nós também gostaríamos de trabalhar em parcerias e coletividades. Isso forma o conjunto ético e estético de nosso trabalho: o que nos constitui e nos forma e como aparecemos em espaços públicos e coletivos.

4. Profissionalização da divulgação científica como combate à desinformação

As relações que perpassam a divulgação científica e nossos compromissos com essa área de atuação foram a base do nosso segundo encontro no GT. Este debate diz respeito à necessidade de enfrentar a desinformação a partir da profissionalização de divulgadores. Isto é, essa construção coletiva e de parcerias, em espaços públicos, faz parte de compreendermos nossa atuação como

composta por diferentes campos de estudo, comunicacionais, científicas, informacionais, sociais, políticas, educacionais etc.

É relevante ressaltar que quando falamos em espaço público, não estamos nos referindo a qualquer espaço ou rede na internet, em especial às redes sociais. Entendemos que tais redes não constituem espaços públicos, são espaços privados, possuem donos – fora do nosso país, obedecendo a regras próprias e com condições de negociação e coerção de governos (Pacheco, 2023; Fonseca, 2023).

Então, mais do que uma praça pública, em que as pessoas poderiam, supostamente, transitar livremente, as redes sociais são mais próximas a uma praça de alimentação no shopping, em que o espaço é privado, a circulação controlada e há regras elaboradas pelos proprietários deste espaço privado. Esta ideia é sempre importante mantermos em mente. Quando debatemos dentro das redes, estamos alimentando empresas de conteúdo privadas e não um espaço público e democrático. Assim, não consideramos que nas redes sociais digitais todos têm acesso de maneira igualitária. Os algoritmos que entregam conteúdo potencializam o alcance de uma desinformação em detrimento de uma informação de qualidade, por exemplo. Assim, nossos conteúdos têm como limitação os interesses comerciais e financeiros das empresas de redes sociais digitais e seus anunciantes. As redes sociais são como grandes shoppings. Precisamos ir também para a rua, para a praça pública - literal e metaforicamente.

Atuar buscando profissionalização na divulgação científica é, também, pensar na ciência como processo de construção de conhecimento coletivo, e não como produto. O conhecimento científico não se restringe a um resultado, mas ao processo de construção. E o combate à desinformação precisa se pautar nessa premissa.

Ao tratar de profissionalização, estamos defendendo ainda que o combate à desinformação não pode, nem deve, ser tratado como uma ação restritiva ao ativismo em redes sociais e fora delas – muito embora possa conter elementos de ativismo também. É necessário buscar meios de financiamento, incluindo políticas públicas que possibilitem coletar e analisar dados, elaborar estratégias de comunicação, campanhas, mobilização de cientistas e comunicadores de ciência trabalhando em conjunto de maneira ativa para combater a desinformação. E isto inclui não agir apenas de maneira reativa à desinformação: com difusão de checagem de informações verificadas, após o espalhamento de desinformações.

Ao longo do segundo encontro do GT1, a fim de aprofundar o que tange à profissionalização e à formação de divulgadores científicos dentro do escopo do combate à desinformação, chegamos ao debate sobre compreender nossas atuais limitações e, com isso, nos levar às nossas potências, ao reconhecimento de nossos saberes e a falta de alguns deles.

Alguns dos aliados aventados nesse desafio foram as técnicas e princípios da comunicação

não violenta, como parte de um conjunto de estruturas para criação e crítica coletiva, buscando minimizar os nossos deslizes individuais e incrementar o crescimento coletivo. Para isso, é importante criar espaços de escuta para as pessoas da comunidade próxima de onde o divulgador atua, assim como de seu público e colegas de profissão.

Neste processo, nosso objetivo final como ferramenta para o combate à desinformação, embora possa parecer simplório, foi pensando dentro da nossa condição como indivíduos que buscam atuar coletivamente. Isto é, centrar esforços na conjunção de diferentes saberes, visando a formação de divulgadores e de estratégias de combate à desinformação como ferramentas de autonomia (mas não individualidade), educação midiática e desenvolvimento de competências com o uso, consumo e produção de informações em espaços públicos e privados.

Apesar de a grande maioria de nós aqui trabalhar em espaços virtuais, nestes três encontros nós chegamos à conclusão de que existem debates e aprofundamentos que só se estabelecem a partir do contato presencial, quando a gente consegue olhar no olho de nossos interlocutores. Não é na virtualidade que esses debates se constroem. Nos referimos à construção, como defende Larrosa (2002), de saberes provenientes da experiência. O autor defende que a experiência não é aquilo que acontece, que se passa. Mas aquilo que nos acontece, que se passa em nós e a partir de nós. Saber da experiência, neste caso, advém desses acontecimentos elaborados, pensados, marcados em nossa trajetória como significativos. Assim, nos diz Larrosa (2002, p.27): “A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida”.

A diversidade também foi ressaltada, neste trabalho, como parte fundamental e inegociável do estabelecimento de redes presenciais. Se, como nos diz bell hooks, privilégio é a condição de quem pode definir o que é realidade, nosso compromisso com o combate à desinformação é pautado nas vozes provenientes da diversidade de raça, etnia, gênero e classe.

Outro elemento destacado, para além da criatividade, foi a necessidade de criação de espaços de escuta – uma vez que cientistas e divulgadores em geral assumem muito o espaço de fala – buscando em suas ações coletivas linguagens menos herméticas. Neste sentido, trazemos a ideia de uma linguagem simples que é contrária ao não aprofundamento, mas é o estabelecimento de uma linguagem acessível e acessável a todos.

5. Considerações finais

Ao fim de nosso GT, mais do que listar um conjunto de técnicas estruturadas – que também foram colocadas e debatidas – fizemos um exercício de entender nossas fragilidades e limitações, enquanto divulgadores.

E aqui não queremos dizer que não é necessário o conjunto de técnicas estruturadas. Pelo contrário: manuais de estratégias de comunicação, checagem de fatos, acolhimento ao público que foi prejudicado pela desinformação, compreensão do público-alvo, construção da mensagem (textual, audiovisual, teatral, artística, pedagógica, etc.), fundamentação em conhecimento científico, etc. – tudo isso se mostra absolutamente necessário.

Todavia, voltamos a ressaltar a urgência dos processos coletivos, nessa intersecção do virtual e do presencial, a partir do estabelecimento de uma rede de confiança que minimize o que chamamos de fogo amigo e do estabelecimento de espaços não hierárquicos na construção do saber, não só científico, mas social e comunitário.

Neste sentido, resgatamos a ideia que guiou nosso debate, ao longo dos três encontros, e que culminou em nossa apresentação e neste texto: precisamos delimitar sobre o que vamos comunicar, de que forma e a quem, com que parcerias, pressupostos, princípios, pois isto forma o conjunto ético e estético de nosso trabalho, o que nos constitui e nos forma e como aparecemos em espaços públicos e coletivos.

6. Referências

BRAUN, J. A. & EKLUND, J. L. Fake news, real money: Ad tech platforms, profit-driven hoaxes, and the business of journalism. **Digital Journalism**, 7(1), 2019. pp 1–x. Disponível em: <https://scholarworks.umass.edu/server/api/core/bitstreams/4ef8d3bd-3a64-4245-b734-9b20c20d7a8c/content>. Acesso em 23 de Junho de 2024.

CÓRDOVA, Y. Como o Youtube se tornou um celeiro da nova direita radical. **Intercept Brasil**, 9 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2019/01/09/youtube-direita/>. Acesso em 23 de junho de 2024.

EBDC. **Resultado dos GTs**. Instituto Principia, 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/live/_MKHqpW5zWWM. Acesso em: 23 de Junho de 2024.

FONSECA, B. Google pagou mais de meio milhão de reais em anúncios no Facebook contra PL das Fake News. **Agência Pública**, 9 de maio de 2023. Disponível em: <https://apublica.org/2023/05/google-pagou-mais-de-meio-milhao-de-reais-em-anuncios-no-facebook-contra-pl-das-fake-news/>. Acesso em 23 de Junho de 2024.

G1 E TV GLOBO. Inquérito aponta cinco supostos financiadores de esquema de fake news e ataques a autoridades. **G1 Política**, 27 de Maio de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/27/inquerito-aponta-cinco-supostos-financiadores-de-esquema-de-fake-news-e-ataques-a-autoridades.ghtml>. Acesso em 23 de Junho de 2024.

GIRARDI, G.; AMORIM, C.; JUSTEN, A.; OLIVEIRA, R. Agronegócio e extrema direita impulsionam máquina de fake News sobre aquecimento global. **Agência Pública**, 30 de Junho de 2023. Disponível em: <https://apublica.org/2023/06/agronegocio-e-extrema-direita-impulsionam-maquina-de-fake-news-sobre-aquecimento-global/>. Acesso em 23 de Junho de 2024.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista **Brasileira de Educação**, n.19, 2002.

LAZER, D.M.J.; BAUM, M.A.; BENKLER, Y.; BERINSKY, A.J.; GREENHILL, K.M.; MENCZER, F.; METZGER, M.J.; PENNYCOOK, G.; ROTHSCHILD, D.; SCHUDSON, M.; SLOMAN, S.A.; SUNSTEIN, C.R.; THORSON, E.A.; WATTS, D.J. & ZITTRAIN, J.L. The Science of Fake News. **Science**, 359(6380), 2018. pp. 1094-1096. DOI: 10.1126/science.aao2998

MACIEL, A. e ANJOS, A. B. Acusado de financiar fake News, Fakhoury deu dinheiro a ONG dos Weintraub e Força Brasil. **El País Brasil**, 30 de setembro de 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-09-30/acusado-de-financiar-fake-news-fakhoury-deu-dinheiro-a-ong-dos-weintraub-e-forca-brasil.html>. Acesso em 23 de Junho de 2024.

PACHECO, D. Navegar é preciso! Regular (as redes) também. **Jornal da USP**, 28 de maio de 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/especial-desconstruindo-a-desinformacao-navegar-e-preciso-regular-as-redes-tambem/>. Acesso em 23 de Junho de 2024

PIRES, B. Movimento expõe empresas do Brasil que financiam, via anúncios, sites de extrema direita e notícias falsas. **El País Brasil**, 20 de Maio de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-20/movimento-expoe-empresas-do-brasil-que-financiam-via-publicidade-sites-de-extrema-direita-e-que-propagam-noticias-falsas.html>. Acesso em 23 de Junho de 2024.

SILVA, L. A massificação da desinformação e a precarização da consciência social: fake news, pós-verdade e a política dos afetos. **Revista Círculo de Giz**, N. 4. 2023. p.20-32.

Sobre os autores

Ana de Medeiros Arnt

Livre Docente em Ensino e Divulgação Científica.

Professora no Instituto de Biologia, Coordenadora do Blogs de Ciência da Unicamp

e-mail: anaarnt@unicamp.br

Rodrigo Kenji Kuroki Ciampi

Bacharel e Licenciado em História pela Unicamp,
Divulgador Científico no canal Normose

Sarah Schimidt

Mestre em Divulgação Científica e Cultural;
jornalista de ciências e tecnologia